

Pictografia

Campo de investigação
Design

Área de intervenção
Sinalética

Tema
Pictografia

Palavras-chave
Sinalética, signos, símbolos, sinais, ícones, iconocidade, ideogramas, pictogramas.

RESUMO

Adopta-se com alguma frequência o termo pictograma quando nem sempre significa o que se quer significar. No domínio da sinalética é vulgarmente usada uma vasta terminologia para definir o conceito de pictograma, como símbolo, sinal, ícon, etc.

O presente trabalho procura de algum modo contextualizar e aprofundar alguns conceitos e terminologia técnica associada à concepção de sistemas de sinalética.

INTRODUÇÃO

Aos pictogramas é pedida a missão de transmitir informações essenciais a um grande número de pessoas de língua diferente, mas que têm traços sócio-culturais comuns, e a quem não é fornecido nenhum ensinamento para defrontarem a descodificação dessas mensagens. Este tipo de imagens (pictogramas) ajuda à orientação em espaços públicos ou privados e serviços.

O termo *pictografia* veio até nós por intermédio da língua inglesa, passando desta para as outras línguas, muito embora e atendendo ao ponto de vista lógico, o verdadeiro nome deveria ser ideografia, nome que também é usado vulgarmente. ^[1]

CONCEITOS

Adopta-se com alguma frequência o termo pictograma quando nem sempre significa o que se quer significar. No domínio da sinalética é vulgarmente usada uma vasta terminologia para definir o conceito de pictograma, como símbolo, sinal, ícon, etc. Importa então aprofundar um pouco a semântica.

Massironi ^[2], referindo-se à terminologia associada à sinalética (e da *estilização gráfica*), afirma que se trata de uma área de conteúdo que vai rapidamente definindo as próprias regras de codificação e os campos de aplicação em consequência da utilidade que parece ter em muitas circunstâncias comunicativas. Segundo o autor, se a linguagem procede por conceitos e a percepção por objectos, existirá uma zona de fronteira onde estes dois modos de proceder se encontram: é a zona dos ideogramas e da pictografia.

[1] Bessa citando Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (p.186-187)

[2] MASSIRONI, Manfredo – Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos. 1.^a ed. Lisboa: Edições 70, 1983 (p.118)

SIGNOS

O signo é composto pela sua forma física e por um conceito mental que lhe está associado, e que este conceito é, por sua vez, uma apreensão da realidade externa. O signo apenas se relaciona com a realidade através dos conceitos e das pessoas que o usam. ^[3]

SÍMBOLOS

Num símbolo ^[4] não existe ligação ou semelhança entre signo e objecto: um símbolo comunica apenas porque as pessoas concordam que ele deve representar aquilo que representa. ^[5]

Qualquer objecto susceptível de autenticar alguma coisa ou de assinalar uma convenção, ou a própria convenção, é símbolo. O símbolo é alguma coisa que substitui, representa ou denota alguma coisa diferente (não por semelhança, mas por uma vaga sugestão ou alguma relação accidental ou convencional). ^[6]

SÍMBOLOS ICÓNICOS

Para Joan Costa ^[7] o signo icónico abarca os grafismos pictográficos, ideográficos e emblemáticos. Tem a aptidão de representar as coisas que vemos na realidade. No grafismo “sinalético” concretamente, a máxima iconicidade corresponderia aos pictogramas figurativos, ou seja, os que representam objectos e pessoas. A iconicidade mínima corresponderia aos ideogramas e emblemas figurativos;

[3] A definição de signo apresentada é mais desenvolvida e enquadra-se na área de estudo da *Semiótica*.

[4] Um símbolo é um signo e enquadra-se na área de estudo da *Semiótica*.

[5] FISKE, John, 1993 (1990), *Introdução ao Estudo da Comunicação*, Lisboa: Edições Asa

[6] Jeanne Martinet citando Luís Prieto – *Messages* (p.68)

[7] COSTA, Joan – *Señalética*. 2.ª ed. Barcelona: Ceac, 1989. (p.138)

ÍCONES

Peirce distinguiu os signos em símbolos, índices e ícones. ^[8] Num ícone o signo assemelha-se, de algum modo, ao seu objecto: parece-se ou soa como ele. ^[9] Designa um objecto que mantém com outro uma relação de semelhança tal que possamos identificá-lo imediatamente: no ícone reconhece-se o modelo; em presença do objecto, reconhecemo-lo como aquele que serviu de modelo ao ícone. ^[10] O signo icónico caracteriza-se por "representar as coisas que vemos na realidade"; porém, as suas extensões e variações são extremamente amplas. ^[11] Em sinalética, a iconicidade máxima corresponderia aos pictogramas (que representam objectos e pessoas), e a iconicidade mínima àquilo a que chama "ideogramas ou emblemas não-figurativos". ^[12]

SINAS

Sinais ^[13] são signos que desencadeiam mecânica ou convencionalmente uma acção por parte do receptor. ^[14]

O sinal actua num processo de natureza mecânica: desencadeia uma resposta e esgota-se aí; diz respeito a uma acção, mais do que a uma ideia. O sinal provoca um reflexo imediato. No signo existe processo lógico-intelectivo – por muito automática e quase inconsciente que seja a resposta, como sucede no caso dos pictogramas. ^[15]

[8] Um ícone é um signo e enquadra-se na área de estudo da *Semiótica*.

[9] John Fiske – *op. cit.*

[10] MARTINET, Jeanne - Chaves para a Semiologia. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

[11] BESSA, José Pedro Barbosa de – Representações do masculino e do feminino na sinalética. Aveiro: Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de Aveiro, 2005. (356 p.). Tese de doutoramento.

[12] Joan Costa – *op. cit.*, p.140

[13] A definição de sinais surge mais desenvolvida no ponto 5.1 *Semiótica*.

[14] FIDALGO, António – Sinais e Signos: Aproximação aos conceitos de signo e de semiótica. Universidade da Beira Interior: <http://ubista.ubi.pt/~comum/fidalgo-sinais-signos.html>, consultado em 20 de Abril de 2005.

[15] Pedro Bessa – *op. cit.*, p.130

IDEOGRAMAS

Existem dois casos distintos na transmissão de significados através de formas concretas. Um deles pode apelidar-se de *dictionary type meaning* e que poderíamos traduzir por "sentido literal" de um signo figurativo; o outro a um *derivative meaning*. No segundo caso estaríamos perante uma espécie de charada, ou de "jogo de associação de ideias".

A este tipo de signos, autores como A. Frutiger ou E. Lupton chamam *ideogramas*: a utilização de signos figurativos para exprimir conceitos abstractos. A maioria dos *pictogramas* são de facto *ideogramas*, alguns deles com um elevado grau de convencionalidade tendo, por isso de ser apreendidos. ^[16]

Ideograma pode definir-se como um signo abstracto que significa conceitos e fenómenos; os ideogramas provêm dos antigos hieróglifos e são parte dos códigos funcionais actuais. ^[17]

PICTOGRAMAS

Nem mesmo sob o ponto de vista etimológico é consensual a definição de pictograma, senão vejamos;

Um *pictograma* (do latim *picto* -pintado + grego *graphe* -caracter, letra) é um símbolo que representa um objecto ou conceito por meio de ilustrações. *Pictografia* é a forma de escrita pela qual ideias são transmitidas através de desenhos. Isso é a base da escrita *cuneiforme* e dos *hieróglifos*. ^[18]

[16] Pedro Bessa – *op. cit.*, p.186-187

[17] COSTA, Joan – *La esquemática: Visualizar la información*. 1.ª ed. Barcelona: Paidós, 1998. (p.219)

[18] Wikipédia - A enciclopédia livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pictograma>. Consultado em 21 Abril de 2006.

Para outros autores, *pictograma* compõe-se de *picto*, "imagem pintada", e *grama*, "mensagem". O seu significado compete com o de *ideograma*, *ícone* e, em inglês, *symbol sign*, *pictograph* e *pictorial symbol* -termos por vezes considerados mais ou menos equivalentes e intermutáveis. ^[19]

O termo *pictografia* veio até nós por intermédio da língua inglesa, passando desta para as outras línguas, muito embora e atendendo ao ponto de vista lógico, o verdadeiro nome deveria ser *ideografia*, nome que também é usado vulgarmente. ^[20]

Actualmente, o uso do *pictograma* tem sido muito frequente na sinalização de locais públicos, na infografia, e em várias representações esquemáticas de diversas peças de design gráfico. Embora os *pictogramas* pareçam ser absolutamente auto-explicativos e universais, na realidade, eles possuem limitações culturais. ^[21]

Uma definição interessante (atendendo ao objecto de estudo em causa) parece ser a de Joan Costa que entende *pictograma* como um signo figurativo simplificado que representa coisas e objectos do meio envolvente: os pictogramas provêm dos antigos hieróglifos e são parte dos códigos funcionais actuais. ^[22]

O termo *pictograma* absorve outras variantes do signo icónico: *ideograma* e *emblema*, apesar das suas diferenças essenciais, pois se o pictograma é uma imagem analógica, o ideograma é um esquema de uma ideia, um conceito ou um fenómeno não visualizável e o emblema é uma figura convencional fortemente institucionalizada. A todos ele se denominou genericamente *pictogramas*. ^[23]

[19] Bessa – *op. cit.*, p.186

[20] Bessa citando *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (p.186-187)

[21] Retirado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pictograma> em 21 Abril de 2006.

[22] COSTA, Joan – *La esquemática: Visualizar la información*. 1.ª ed. Barcelona: Paidós, 1998. (p.219)

[23] COSTA, Joan – *Señalética*. 2.ª ed. Barcelona: Ceac, 1989. (p. 138)

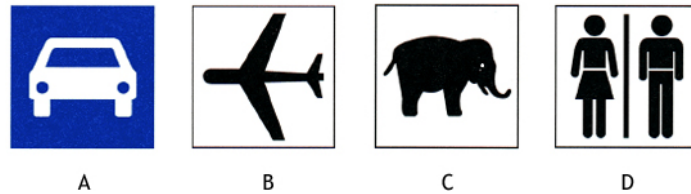


Fig. 1 – Signos que concorrem para formar pictogramas.

Tendo em conta os signos apresentados (Fig. 1), estes podem ser considerados *pictogramas* ou *ideogramas*, senão veja-se:

Ideograma:

Fig.1-A: Carro; Fig.1-B: Avião; Fig.1-C: Elefante; Fig.1-D: Mulher e/ou homem

Pictograma:

Fig.1-A: Via reservada a automóveis; Fig.1-B: Aeroporto; Fig.1-C: Zoo;

Fig.1-D: Sanitários.

Temos então que o *pictograma* é uma imagem analógica e o *ideograma* é um esquema de uma ideia, um conceito ou um fenómeno não visualizável.

Um pictograma representa de um modo simplificado um objecto, o qual pode ser mais ou menos icónico (mais ou menos semelhante como o modelo real), mas importa acima de tudo que seja perceptível pelo maior número possível de utentes. É também necessário um entendimento global do sistema a desenvolver, para depois conceber individualmente pictogramas coerentes que contribuam para a uniformização geral.

O Autor

João Vasco Matos Neves licenciou-se em Tecnologia e Artes Gráficas pelo Instituto Politécnico de Tomar, Escola Superior de Tecnologia em 2002.

Obteve o Mestrado em Design, Materiais e Gestão do Produto pela Universidade de Aveiro em 2006, apresentando a dissertação intitulada "O sistema de sinalização vertical em Portugal". A dissertação clarifica a história da sinalização vertical em Portugal, analisa o sistema no geral e os seus elementos constituintes no particular, contribuindo para um melhor entendimento da inter-relação dos seus componentes. Demonstra ainda a importância do Design e de outras disciplinas transversais para a melhoria da sinalização vertical e a implicação desta na melhoria das acessibilidades para o utilizador.

Encontra-se a realizar o Doutoramento em Design pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Desde 1998 que executa trabalhos como free-lancer na área do Design Gráfico, tendo já ganho concursos nacionais e internacionais.

Exerce desde 2002 a actividade de docente na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

É sócio número 4 e membro fundador da Associação Nacional de Designers, exercendo actualmente as funções de Presidente do Conselho Fiscal.